

Universität zu Köln
Philosophische Fakultät
Romanisches Seminar



Retrato de um país em *A República dos Sonhos* de Nélida Piñon

Juliana Fillies Testa
Matrikelnummer: 4458290
Köln, 13.08.2012
Gutachter: Prof. Dr. Claudius Armbruster

Índice

1	Introdução	3
2	Traços socio-históricos do Brasil entre 1900 e 1980	5
2.1	A imigração.....	5
2.2	Grupos sociais marginalizados e a sua posição na sociedade brasileira	7
2.2.1	O afro-brasileiro.....	7
2.2.2	O trabalhador no campo e na cidade.....	9
2.3	Tortura e repressão.....	12
3	Um Brasil de contrastes em <i>A República dos Sonhos</i> de Nélida Piñon.....	15
3.1	Entre deslumbramento e horror: A visão dos galegos	15
3.2	O Brasil, seus governantes e injustiças	21
3.3	Um povo “taciturno e carnavalesco”	28
3.4	Afinal, onde está o Brasil?.....	34
4	Conclusão.....	38
5	Bibliografia	42

1 Introdução

O regime imposto no Brasil em 1964 pela ditadura militar dificultou, durante este período, a divulgação e a conscientização de uma diferença nacional. Agentes do governo se empenharam em manter, através da censura e de um aparato repressivo, uma única imagem do Brasil que correspondesse às ideias do regime militar. Desta maneira, buscou-se silenciar vozes que propagassem um retrato diferente do país. Apenas com a queda da ditadura militar foi possibilitada uma abertura nos setores sociais e intelectuais. Foi precisamente a partir deste momento, que escritores como Nélide Piñon, começaram a tratar do tema da imagem do Brasil e da nacionalidade brasileira.¹ Observou-se, então, o surgimento de uma narrativa que se caracterizava pela multiplicação de interlocutores. Principalmente no início da década de oitenta, período também no qual é publicada *A República dos Sonhos*, os romances alegóricos-documentais foram dando lugar aos romances polifônicos.²

No romance *A República dos Sonhos*, Nélide Piñon projeta uma série de versões do Brasil. Estas versões do país vão sendo construídas mediante os relatos dos diversos personagens da trama. O principal objetivo do presente trabalho será expôr, como também analisar estas diferentes versões. As visões do Brasil dos principais personagens serão marcadas pelas experiências vividas em solo brasileiro ou se formarão através da meticolosa observação da sociedade carioca. Por isso, esboçar-se-á, em primeira linha, os principais traços socio-históricos do Brasil entre 1913 e 1980, período histórico no qual se desenvolve a trama.

O personagem principal da obra será o imigrante galego Madruga. A fim de estudar as versões do Brasil formadas pelo protagonista, como também pelos demais personagens galegos, traçar-se-á o desenvolvimento do fluxo migratório no Brasil, assim como as principais características dos imigrantes, no final do século XIX e no início do século XX.

A imagem do Brasil formada pelos personagens Tobias e Venâncio estarão sempre relacionadas à situação socio-política do país. Em vista disto, se

¹ Cf. Pardo, M. Carmen Villarino: “Produtos literários como estratégias para a construção de uma idéia de identidade brasileira. 1984, ano de expectativa(s)”, in: *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, CES: Coimbra, 16-18 de setembro de 2004, pág. 1.

² Cf. Sinder, Valter: “A Reinvenção do Passado e a Articulação de Sentidos: o Novo Romance Histórico Brasileiro”, in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, n° 26, 2000, p. 257.

esboçará a situação sócioeconômica em que se encontravam os grupos marginalizados na sociedade brasileira da época. Igualmente se apresentará brevemente as características do governo Vargas e da conseguinte ditadura militar de 1964.

Por fim, buscar-se-á apresentar e analisar as diferentes imagens do Brasil engendradas no romance. Um retrato do país será traçado pelos galegos. A imagem que os habitantes de Sobreira formam do Brasil funda-se nos mitos e lendas ao redor deste. Através do jovem Madruga e dos seus compatriotas pode ser obtida a imagem que o estrangeiro cultivava do Brasil. Apresentar as versões idealizadas do solo brasileiro, construídas pelos galegos, e mostrar como essas versões vão se contrastando e dissolvendo em imagens reais do Brasil, será um dos objetivos do presente trabalho.

Um tópico que faz-se presente em toda a obra é o sistema político e social brasileiro. Mediante os relatos dos personagens se tematiza o desenvolvimento sócio-político do Brasil desde o seu descobrimento até o século XX, remetendo também à questão da culpa e da responsabilidade coletiva respeito à realidade social do país. Principalmente Venâncio e Tobias acusam o governo e os seus representantes pelas injustiças sociais, traçando um quadro dos governantes, o qual se buscará esboçar e analisar.

Através dos relatos dos personagens, não só o retrato do Brasil, como de todo o povo brasileiro, vai gradualmente ganhando corpo. Far-se-á referência a estas imagens, assim como a possibilidade da construção de uma nação brasileira, indagando, quais seriam os critérios que conduziriam à sua formação. Finalmente, será questionado se Nélide Piñon, mediante estas visões, constrói uma imagem do Brasil, que, abrangendo todas as versões, forme um só retrato.

2 Traços socio-históricos do Brasil entre 1900 e 1980

Durante o início do século XX começavam a desencadear importantes transformações sociais, culturais e políticas no Brasil como em todo o mundo. A industrialização levou a mudanças significativas, sobretudo, no âmbito laboral, e, em consequência, na conduta social.³

A população crescia drasticamente⁴, e com ela os centros urbanos, dando lugar assim, a conflitos e a diversas manifestações sociais.⁵ Cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo tornavam-se os principais centros do comércio e da indústria brasileira. Grande parte do proletariado urbano, que começava a ganhar forças, era imigrante.⁶

2.1 A imigração

No final do século XIX o Brasil sofria com a escassez de mão-de-obra. O fim do comércio de escravos em 1850, somou-se a uma baixa taxa de natalidade entre a população escrava brasileira, agravando a situação. Em consequência, o governo brasileiro decidiu tomar iniciativas a fim de atrair a mão-de-obra europeia para trabalhar nas plantações do Brasil. Em um ambiente de escravidão, porém, parecia impossível preservar condições de trabalho toleráveis para a mão-de-obra livre.⁷

Com a abolição, esse quadro mudou drasticamente. Os europeus, fugindo das crises e das duras condições de vida na Europa, iam ao Brasil e a outros países em busca de melhores oportunidades. Entre 1820 e 1920 pôde ser constatada a entrada de um total de 3.642.382 imigrantes no território brasileiro. Entre estes, mais de um milhão chegou ao Brasil depois de 1908. Para atrair o imigrante criara-se uma legislação que lhe garantia uma série de facilidades no Brasil. O governo prometia ao imigrante europeu lotes rurais de 25 hectares pelo preço de dois contos de réis o lote, além da distribuição de sementes e plantas

³ Cf. Cotanda, Fernando Coutinho: “A sociedade no século XX”, in: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 1, nº 2, Dez. 2009, pág. 1.

⁴ Cf. Sevcenko, Nicolau: *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*, São Paulo: Editora Schwarcz, Companhia das Letras, 2ª ed., 2003, pág. 72.

⁵ Cf. Aquino, Rubim Santos Leão de; Vieira, Fernando; Agostino, Gilberto; Roedel, Hiran (orgs.): *Sociedade Brasileira: uma história através dos movimentos sociais. Da crise do escravismo ao apogeu do Neoliberalismo*, Rio de Janeiro: Record, 6ª ed., 2009, pág. 261.

⁶ Cf. Bresselaar, J. J. van: *Brasilien. Anspruch und Wirklichkeit*, Wiesbaden: Brockhaus, 2ª ed., 1973, pág. 226.

⁷ Cf. Skidmore, Thomas E.: *Uma história do Brasil*, São Paulo: Paz e Terra, 1998, pág. 102.

gratuitas. As casas próprias poderiam ser adquiridas pelos imigrantes no prazo de sete e de dez anos. Essa legislação, entretanto, nunca foi posta em prática. Como o governo não cumpriu as suas promessas, grande parte dos imigrantes decidiu deixar o Brasil buscando uma vida melhor em outros países. Por conseguinte, verificou-se em 1900 o primeiro déficit imigratório no Brasil.⁸

Além de intencionar, com a mão de obra estrangeira, povoar os vazios demográficos do país, o objetivo do governo brasileiro com a imigração era de “branquear” a população afro-brasileira. Supunha-se que através da miscigenação, a população se tornaria, em poucas gerações, cada vez mais branca.⁹ Os imigrantes brancos ajudariam, por conseguinte, a dissolver as diferenças étnicas, criando uma única nacionalidade. Essa foi ao menos a imagem otimista que a elite brasileira tentou promover.¹⁰

Os imigrantes demonstraram grande mobilidade de trabalho em diferentes campos. Transitando entre o Brasil, a Argentina e os Estados Unidos, visavam acumular riquezas.¹¹ Segundo Fernando Henrique Cardoso, é precisamente a vontade de ascensão social, de “fazer a América”, que caracterizava a conduta dos imigrantes no final do século XIX e no início do século XX.¹²

Ainda Villarino Pardo ressalta que o imigrante neste período se destacava pela “tenacidade no trabalho, a cautela e a honradez”.¹³ Em relação aos galegos, se observa que estes foram atraídos a América, como os demais imigrantes, pelo sonho de enriquecimento. Junto com a Irlanda, a Galícia ocupou o primeiro lugar entre as regiões europeias de maior emigração entre 1891 e 1915. Estimase que entre 1880 e 1920 mais de um milhão de galegos tenha deixado a sua pátria para tentar a vida no outro lado do Atlântico.¹⁴ Os galegos eram considerados, algumas vezes, incultos e incivis pela população brasileira. De fato, haviam recebido pouca instrução antes de chegarem ao Brasil e, em

⁸ Cf. Basbaum, Leoncio: *História sincera da república. De 1889 à 1930*, São Paulo: Edições LB, 2ª ed., 1962, págs. 206-208.

⁹ Cf. Oliveira, Lúcia Lippi: *Nós e eles. Relações entre brasileiros e imigrantes*, Rio de Janeiro: FGV, 2006, págs. 26.8.

¹⁰ Cf. Skidmore, 1998, pág. 105

¹¹ Cf. Skidmore, 1998, pág. 105

¹² Cf. Cardoso, Fernando Henrique: „Situação e comportamento social do proletariado“, in: Fernandes, Florestán (org.): *Comunidade e sociedade no Brasil. Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972, págs. 471-473.

¹³ Pardo, M. Carmen Villarino: „Comunidades emigrantes no Brasil: imprensa, publicações literárias e língua(s) que veiculam. O caso dos galegos“, in: *Homenaxe a Fernando R. Tato Plaza*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2002, pág. 384.

¹⁴ Cf. Oliveira, 2006, pág. 30.

consequência disso, ocuparam inicialmente trabalhos de pouca consideração social. Diante desta situação de desprezo social por parte dos nativos, desenvolveram fortes vínculos com o país de origem.¹⁵ Trabalhavam até 16 horas por dia na esperança de retornarem vitoriosos a Galícia.¹⁶ Os que decidiam permanecer no Brasil, viam a necessidade de se posicionar na sociedade e impor respeito, já que eram considerados de pouca importância pelas autoridades brasileiras, não tendo, por muito tempo, o direito ao voto.¹⁷ O presidente Getúlio Vargas, na sua tentativa em promover a identidade nacional, discriminava todos aqueles considerados não-brasileiros, fechando jornais, escolas e organizações consideradas estrangeiras.¹⁸ Apenas depois de acumular riquezas significativas ou de preparar as bases para os filhos, já brasileiros, começavam a ser de interesse para o governo.¹⁹

Com o impulso da imigração e com o progresso da monocultura latifundiária, agora baseada no trabalho livre, foi permitida a inversão de capitais para indústria, provocando um grande surto industrial. Deste modo, começava a transformar-se o quadro social, assim como a fisionomia das cidades brasileiras.²⁰

2.2 Grupos sociais marginalizados e a sua posição na sociedade brasileira

2.2.1 O afro-brasileiro

O afro-brasileiro não chegou a constituir uma classe social durante o início do século, foi-se transformando, porém, pouco a pouco numa camada marginal dentro da sociedade.²¹ Abolida a escravidão, os escravos libertos tiveram que se adaptar ao mercado de trabalho e competir com os imigrantes europeus na procura de emprego. Sem nenhuma preparação, visto que eram analfabetos, partiram para as cidades grandes em busca de melhores condições de vida. As

¹⁵ Cf. Pardo, 2002, pág. 385.

¹⁶ Cf. Oliveira, 2006, pág. 32

¹⁷ Cf. Pardo, 2002, pág. 385.

¹⁸ Cf. Skidmore, 1998, pág. 169.

¹⁹ Cf. Pardo, 2002, pág. 385.

²⁰ Cf. Santos, Theobaldo Miranda: *Organização social e política do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 7ª ed., 1967, pág. 104.

²¹ Cf. Basbaum, Leoncio, 1962, pág. 262.

mulheres costumavam trabalhar como domésticas, enquanto os homens encontravam mais dificuldade em conseguir emprego. Consta-se que mesmo sessenta anos depois da abolição, praticamente todos os afro-brasileiros no país eram trabalhadores braçais.²² Inclusive no meio industrial, prevalecia certa discriminação racial. As empresas, antes de contratar o negro, davam preferência ao imigrante europeu, de modo que

os negros e os mulatos ficaram à margem ou se viram excluídos da prosperidade geral, bem como de seus proventos políticos, porque não tinham condições para entrar neste jogo e sustentar as suas regras. Em consequência, viveram dentro da cidade, mas não progrediram com ela.²³

Bergmann observa que até 1977, ano em que publica seu trabalho, a situação do negro ainda não havia mudado de forma significativa. A maioria dos afro-brasileiros continuava a monopolizar os cargos mal remunerados, enquanto a população branca ocupava as posições consideradas de privilégio. Mesmo na televisão, os papéis de negros nobres eram representados por brancos pintados. Essa discriminação é visível também na taxa de analfabetismo. Ainda em 1950, aproximadamente 73% dos negros eram analfabetos, esta porcentagem representa quase o dobro da taxa de analfabetismo da população branca.²⁴

Pouco a pouco, no entanto, o afro-brasileiro foi sendo integrado ideologicamente na sociedade de classes. O negro, porém, comportou-se de forma passiva durante este processo. Consequentemente, a redefinição ideológica do afro-brasileiro foi realizada pelos brancos e para os brancos. Segundo a ideologia racial do branco, a raça negra seria absorvida biologicamente pelos brancos através da miscigenação. Os esforços destinados a integrar o afro-brasileiro na sociedade, provocavam, assim, o efeito contrário. Avaliações negativas relacionadas com a cor perdurariam ainda por anos, levando a população afro-brasileira por um longo período a acreditar na sua inferioridade em relação ao branco.²⁵

²² Cf. Bergmann, Michael: *Nasce um povo. Estudo antropológico da população brasileira: como surgiu, composição racial, evolução futura*, Petrópolis: Vozes, 1977, págs. 67-68.

²³ Cf. Fernandes, Florestan: *A Integração do Negro à Sociedade de Classes*, São Paulo: Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1964, pág. 82.

²⁴ Cf. Bergmann, Michael, 1977, págs. 183-186.

²⁵ Cf. Ianni, Octávio: *Raças e classes sociais no Brasil*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2ª ed., 1972, págs. 73-75, 236.

2.2.2 O trabalhador no campo e na cidade

Após a proclamação da República em 1889, o Brasil começou a organizar-se de maneira federativa. O poder político se concentrou então, a partir desta data, predominantemente nos estados de São Paulo e Minas Gerais.²⁶ Sobretudo depois da Primeira Guerra Mundial, iniciava-se uma diversificação econômica que favoreceria ao centro industrial formado no sudeste e no sul do país.²⁷

A situação do trabalhador rural permaneceu por muitos anos precária no início do século XX. Tanto sertanejos, como seringueiros e carregadores eram mal remunerados pelos seus serviços. Acidentes de trabalho eram comuns, além disso os contratos de trabalho eram feitos verbalmente, visto que a legislação trabalhista brasileira não se estendia ao trabalhador rural.²⁸ Os trabalhadores eram explorados pelos seus patrões, os coronéis, que obtinham a subordinação dos empregados através da retenção de dívidas. Para remunerar os trabalhadores pelos seus serviços, os proprietários de terra distribuíam vales que podiam ser usados pelos trabalhadores somente nos chamados “barracões”, onde os preços eram, normalmente, superiores aos do comércio regular.²⁹ A situação dos trabalhadores rurais era de semi-escravidão. Ainda eram frequentes trabalhos forçados, assim como a punição de trabalhadores a chicote ou no tronco.³⁰ Até 1930 a população do campo continuava sob o domínio dos proprietários de terra, sem conseguir melhorias sociais significativas.³¹

A assistência sanitária era igualmente rudimentar. Existiam poucos postos de saúde nestas regiões. Estes eram mal localizados, mal equipados e dispunham de poucos medicamentos. Como observa Fernandes, os postos de saúde eram usados muitas vezes para favorecer chefes políticos em lugar de atender aos doentes.³²

As secas e as miseráveis condições de vida nas zonas rurais levaram a um deslocamento maciço da população rural para as cidades. Cardoso aponta, neste sentido, que “no geral, foi menos a vontade de ascensão social e de

²⁶ Cf. Ibiapina, Júlio de Mattos: *O Brasil de ontem e hoje*, Fortaleza: EUFC, 1981, pág. 16.

²⁷ Cf. Skidmore, 1998, pág. 143.

²⁸ Cf. Fernandes, Florestan: *Mudanças sociais no Brasil. Aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*, São Paulo: Europeia, 1960, pág. 138.

²⁹ Cf. Prado Junior, Caio: *A revolução brasileira*, São Paulo: Editora Brasiliense, 5ª ed., 1977, pág. 90.

³⁰ Cf. Bruno, Ernani Silva: *História do Brasil. Geral e regional*, vol. 7, *Brasil*, São Paulo: Cultrix, 1967, pág. 213.

³¹ Cf. Ferreira, Olavo Leonel: *História do Brasil*, São Paulo: Ática, 11ª ed., 1986, pág. 276.

³² Cf. Fernandes, 1960, pág. 129

integração à vida urbano-industrial que levou as populações a deslocarem-se para as cidades do que o acicate da miséria.”³³

De fato, uma grande parte da classe operária brasileira foi constituída pelos trabalhadores rurais que foram aos centros urbanos em busca de uma vida melhor.³⁴ No entanto, o crescimento repentino da população urbana ocasionou vários problemas. A oferta de mão-de-obra nas cidades excedia a demanda do mercado, provocando uma drástica queda no salário do operário e aumentando o número de desempregados.³⁵

Muitos dos trabalhadores viviam em uma situação de verdadeira miséria. Os bairros operários se caracterizavam pelos cortiços, onde os trabalhadores e suas famílias se estabeleciam. Comum também foi a formação de vilas em torno às indústrias.³⁶ Estes bairros costumavam apresentar aspectos semelhantes entre eles: as habitações eram pobres e coletivas e, não com pouca frequência, um cômodo era dividido até por três pessoas.³⁷

No Rio de Janeiro a população pobre da cidade se refugiava, sobretudo, nos altos morros espalhados pela capital. A classe média, que vivia em palacetes em zonas como Laranjeiras, começava a se diversificar do proletariado até mesmo na forma de ocupar geograficamente o espaço urbano.³⁸ Os morros, apesar de desabitados, eram inadequados para qualquer tipo de arquitetura.³⁹ Além disso, careciam de um saneamento básico, o que levou ao surgimento de uma forte crise sanitária na cidade, levando a um índice de doenças alarmante.⁴⁰

Moravam nos cortiços os operários urbanos, mas também todos aqueles que não encontravam emprego e terminavam na vagabundagem, na mendicidade ou

³³ Cardoso, 1972, pág. 481.

³⁴ Cf. Cardoso, 1972, pág. 481.

³⁵ Cf. Sevcenko, Nicolau, 2003, pág. 73.

³⁶ Cf. Carvalho, Rodrigo Janoni: „Trabalho e vida do operariado nos séculos XIX e XX”, in: *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, nr. 2, Mar. 2010, págs. 200-201.

³⁷ Cf. Duca, Maria Auxiliadora Guzzo: *A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934*, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987, págs. 20-31.

³⁸ Cf. Aquino, Rubim Santos Leão de/ Vieira, Fernando / Agostino, Gilberto/ Roedel, Hiran (orgs.), 2009, pág. 279.

³⁹ Cf. Sevcenko, Nicolau, 2003, pág. 80.

⁴⁰ Cf. Marconi, Raphael: *A paisagem carioca na primeira república. O lugar da natureza e a imagem da cidade*. Ag. 2003. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, pág. 53-55.

na criminalidade. Alguns, dominados pelo desespero, tornavam-se alcólatras ou se suicidavam.⁴¹

A situação era precária também para quem encontrava trabalho. Alguns eram expostos a maltrato físico, havia casos de exploração da mão-de-obra infantil, assim como de opressão e emprego de meninas como aprendizes.⁴² Homens e mulheres trabalhavam longas horas em fábricas com escassa ventilação, sem poderem contar com uma remuneração justa pelo seu trabalho.⁴³

Visto que o problema social não causava apreensão ao parlamento, os trabalhadores começaram a se organizar, desenvolvendo uma consciência reivindicativa. Formaram-se então sindicatos, clubes e associações com carácter de luta e o número de greves crescia rapidamente.⁴⁴ Em meio a toda insatisfação social, desatou a revolução de 1930 e Getúlio Vargas se instalou no poder.⁴⁵

Vargas assumiu o poder e se empenhou, sobretudo no início do seu mandato, em atender às reivindicações das classes trabalhadoras urbanas e em garantir-lhes melhores condições de trabalho.⁴⁶ A legislação trabalhista da era Vargas estabelecia o salário mínimo e a jornada de trabalho, assegurava férias, indenização por dispensa não justificada, regulamentava o trabalho da mulher e do menor, assim como o estabelecimento de institutos de aposentadoria e pensões. Devido a estas mudanças, Vargas chega inclusive a adquirir a fama de “pai dos pobres”.⁴⁷ No entanto, todas as melhorias visavam, na realidade, a passividade da classe trabalhadora urbana, reprimindo principalmente partidos e organizações de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro.⁴⁸

Apesar dos esforços e melhorias, a situação do trabalhador urbano continuava difícil. O problema da falta de moradias se agravava, a ampliação de redes de iluminação e de saneamento básico se fazia cada vez mais urgente, assim como a necessidade de atender ao crescimento da população em idade escolar. Os

⁴¹ Cf. Sevcenko, Nicolau, 2003, pág. 83

⁴² Cf. Carvalho, 2010, pág. 208.

⁴³ Cf. Skidmore, 1998, pág. 120.

⁴⁴ Cf. Iglésias, Francisco: *História geral e do Brasil*, São Paulo: Ática, 1989, pág. 265-267.

⁴⁵ Cf. Costa, João Cruz: *Pequena história da República*, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974, pág. 95.

⁴⁶ Cf. Gomes, Ângela M. de Castro: “Classe média e política no Brasil (1930-1964)” in: Fausto, Boris (org.), *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano*, vol. 3, *Sociedade e Política (1930-1964)*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 6ª ed., 1996, pág. 459.

⁴⁷ Cf. Iglésias, 1989, pág. 274.

⁴⁸ Cf. Fausto, Boris: *História do Brasil*, São Paulo: Edusp, 1997, pág. 335.

problemas sociais da primeira metade do século se estenderão durante as próximas décadas sem que se encontrasse uma solução definitiva para o problema.⁴⁹

No período de 1964 a 1984 acentuavam-se as deploráveis condições de vida de grande parte da população brasileira. Jacobi observa que

mais da metade dos brasileiros até 17 anos é subnutrida, 92 crianças em cada mil nascidas no país morrem com menos de um ano, índice que atinge 133 nas famílias com rendimentos até um salário mínimo. Setenta milhões de brasileiros são afetados de verminose e metade dos alunos matriculados na 1ª série do 1º grau é reprovada ou abandona a escola.⁵⁰

Também durante esta época, apenas um quarto da população tinha acesso à rede pública de esgotos e somente pouco mais da metade das casas no Brasil era servida por redes de abastecimento de água. Pode-se observar que mais de 40% da população estava excluída dos direitos fundamentais do cidadão, como direito ao trabalho, à saúde, à educação e à Previdência Social.

Jacobi afirma em 1986 que “o país não mudou quase nada, principalmente quanto as mudanças institucionais e estruturais, como é o caso da reforma agrária”.⁵¹ Apesar dos esforços, a política social brasileira tem dificuldade em melhorar o quadro social do país e distribui somente o que o orçamento permite, sem que a questão dos direitos sociais seja vista como prioridade.⁵²

2.3 Tortura e repressão

As iniciativas tomadas pelo governo Vargas nos primeiros anos de mandato, ainda não indicavam uma verdadeira mudança na estrutura da sociedade brasileira. A velha oligarquia rural seguia influenciando de maneira significativa na política do país. No entanto, o aparelho militar se reunia agora em torno a Vargas, tornando-se um instrumento de consolidação do novo pacto entre o presidente e os proprietários rurais. Com o apoio dos militares, o presidente

⁴⁹ Cf. Ferreira, Olavo Leonel, 1986, pág. 353.

⁵⁰ Jacobi, Pedro: “Política social. Os velhos problemas, mas sem o déficit”, in Koutzii, Flavio (org.): *Nova República: um balanço*, Porto Alegre: L&PM, 1986, pág. 256.

⁵¹ Jacobi, Pedro, 1986, 258.

⁵² Cf. Jacobi, Pedro, 1986, 256-258.

adotaria uma postura marcada pela violência e pela repressão de todos os que revelassem ser uma possível ameaça ao novo governo.⁵³

Durante esse período a repressão imposta pelo governo atingiria principalmente os integrantes do movimento comunista. Em 1936 o Ministro da Justiça anunciou a formação de uma comissão nacional para a repressão ao comunismo. Este órgão autônomo tinha como ofício investigar casos ou pessoas suspeitas. Os julgados eram acusados de traição contra o estado e o povo brasileiro. Quando condenados, os presos costumavam receber penas duras, variando entre quatro e seis anos de prisão. Grande parte dos condenados não era julgada por atos revolucionários, mas por terem pertencido a movimentos antifascistas.⁵⁴ Tornava-se frequente não só a cassação, como também a tortura de suspeitos políticos.⁵⁵

Em 1937, organizava-se a eleição para a sucessão do presidente da República, quando Getúlio Vargas anuncia a dissolução do Congresso e outorga uma nova Constituição, o Estado Novo. A nova Constituição cancelava a atividade partidária, anulava a autonomia federativa e estabelecia tanto a prisão e o exílio, como a pena de morte para os opositores. Instalara-se a ditadura no país e o presidente dispunha de poderes jamais concedidos a algum outro que houvesse ocupado o mesmo cargo.⁵⁶

O governo não se restringiu, mediante a repressão e a censura, apenas a cassar os participantes de movimentos políticos. Vargas tratou também de controlar a publicação de jornalistas e escritores, censurou músicas, assim como qualquer informação transmitida por emissoras radiofônicas.⁵⁷

A ditadura imposta por Vargas, no entanto, feria interesses norte americanos, o que levou os setores mais ligados aos Estados Unidos, a conspirar contra o governo. O presidente, então, é deposto em 1945 num golpe de Estado.⁵⁸ Getúlio Vargas retomaria o poder em 1951, a crise econômica, porém, havia

⁵³ Cf. Evaristo Arns, Paulo: *Brasil: nunca mais. Um relato para a história*, Petrópolis: vozes, 20ª ed., 1987, pág. 55.

⁵⁴ Cf. Levine, Robert M.: *O Regime de Vargas, 1934-1938: Os anos críticos*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, págs. 196-201.

⁵⁵ Cf. Skidmore, 1998, pág. 164.

⁵⁶ Cf. Donato, Hernâni: *Brasil. 5 séculos*, São Paulo: Academia Lusíadas de Ciências, Letras e Artes, 2000, pág. 354-355.

⁵⁷ Cf. Aquino, Rubim Santos Leão de; Vieira, Fernando; Agostino, Gilberto; Roedel, Hiran (orgs.), 2009, págs. 269-271.

⁵⁸ Cf. Evaristo Arns, Paulo, 1987, pág. 54-56.

tornado o seu governo mais vulnerável e os seus inimigos notaram essa fraqueza. Em 1954 se suicidaria o presidente da República.⁵⁹

O país seguiu em crise durante as próximas duas décadas e este período foi marcado pelo crescimento de lutas populares que reivindicavam reformas estruturais. Estudantes, intelectuais e artistas lutavam por reformas no meio educacional, agrário, etc.⁶⁰ Nasceram organizações estudantis de grande importância, como a UNE, que indica, segundo Poerner, uma tomada de consciência por parte dos estudantes, quanto a necessidade da organização em caráter permanente e nacional da atividade política estudantil.⁶¹ O movimento pelas reformas, porém, chegou ao seu auge, quando começou a penetrar também as bases militares. Em 1964 sucedia um novo golpe de estado e o Brasil entrava numa fase de profundas transformações políticas e sociais.⁶²

O governo voltou, a partir de 1964, a adotar uma série de medidas repressivas contra qualquer movimento iniciado pela oposição. Mais uma vez, foram proibidos os partidos políticos, podendo existir somente um partido governista e um da oposição. Apesar de toda a repressão, a oposição, no entanto, foi se reafirmando. Os movimentos contra o regime militar voltavam a crescer. A fim de reprimir as iniciativas da oposição, foram criados “órgãos de segurança” que levaram milhares de cidadãos às prisões e transformaram a tortura e o assassinato de suspeitos políticos em um ato rotineiro. A imagem do Brasil como um país de torturas, perseguições, exílios e cassações crescia no exterior e pouco mudaria nos próximos anos.⁶³

Avaristo observa que

Ao terminar o último ano do governo Geisel, a estatística do Regime Militar de 1964 registrava aproximadamente 10 mil exilados políticos, 4.682 cassados, milhares de cidadãos que passaram pelos cárceres políticos, 245 estudantes expulsos das universidades [...], e uma lista de mortos e desaparecidos tocando a casa das três centenas.⁶⁴

Apenas em 1978 começava a crescer o número de Comitês Brasileiros pela Anistia (CBAs) defendendo os presos políticos. Apesar dos presídios políticos

⁵⁹ Cf. Skidmore, 1998, pág. 185-195.

⁶⁰ Cf. Evaristo Arns, Paulo, 1987, pág. 57-59.

⁶¹ Cf. Poerner, Arthur José: *O poder jovem, História da participação política dos estudantes brasileiros*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, pág. 131.

⁶² Cf. Evaristo Arns, Paulo, 1987, pág. 57-59.

⁶³ Cf. Evaristo Arns, Paulo, 1987, pág. 61-68.

⁶⁴ Evaristo Arns, Paulo, 1987, pág. 68.

começarem a se esvaziar, o regime sobrevivia causando a preseguição e o assassinato no campo e na cidade.⁶⁵

3 Um Brasil de contrastes em *A República dos Sonhos* de Nélide Piñon

3.1 Entre deslumbramento e horror: A visão dos galegos

No romance *A República dos Sonhos* a visão do galego da América se caracteriza, principalmente, pela contradição de imagens do continente. O Brasil é visto como um país fascinante, e, ao mesmo tempo, cheio de perigos e armadilhas. O fascínio em relação ao país traduz-se, por um lado na sua imagem de natureza infinita, a “refulgir por todas partes”⁶⁶, e por outro, na suposta possibilidade de acumular riquezas. No entanto, é precisamente esta natureza assoladora, que desperta nos galegos grande temor. A contradição de uma visão que oscila entre o deslumbramento e o horror pode ser observada nas declarações dos diferentes personagens do romance.

Aquilina vem descrita como a primeira mulher do povoado galego, a falar a Madruga sobre América como quem a conheceu de perto. Betancur observa que neste personagem se corporizam todos os imaginários que os cronistas da Conquista levaram da América à Europa.⁶⁷ Aquilina descreve o continente americano como uma mistura de “mazelas e benefícios”⁶⁸, denunciando a presença de inúmeras “insídias”.⁶⁹ O benefício da América, ao qual se alude, seria a sua riqueza escondida, que, no entanto, seria acessível somente aos valentes e ousados, que se achessem a entrar em certas fontes que “jorravam pus em vez de água, só para esconder os diamantes entre os cascalhos”.⁷⁰ Essa é uma das primeiras imagens que o jovem Madruga obtém do Brasil. O caráter

⁶⁵ Cf. Evaristo Arns, Paulo, 1987, pág. 66-68.

⁶⁶ Piñon, Nélide: *A República dos Sonhos*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1984, pág. 81.

⁶⁷ Cf. Betancur, Juan David Gonzáles: „*La República de los sueños* o la conformación de una nación de exiliados”, in: *Memorias y sociedad* 14, nº 28 (2010), pág. 139.

⁶⁸ Piñon, 1987, pág. 26.

⁶⁹ Piñon, 1987, pág. 26.

⁷⁰ Piñon, 1987, pág. 26.

misterioso, de tesouros escondidos, realça a ideia da aventura e do sonho, isto é, de uma realidade pouco concreta.

A imagem contraditória da América se faz visível também nas afirmações feitas por Justo, um tio de Madruga que já havia tentado a sua sorte na América, retornando fracassado a Galicia. Justo alerta seu sobrinho diante do perigo que a América representa. Segundo ele, a América é um “sonho funesto e colossal”⁷¹, que não poupa ninguém. Os que se atreviam a atravessar o Atlântico corriam o risco de se tornarem “sombras humanas, seres apátridas”.⁷² Torna-se claro que para Justo, o perigo não se encontrava somente na natureza devastadora da América, mas principalmente no risco de perder a própria identidade. Madruga mesmo reconheceria mais tarde que “ganhar a vida, em país estrangeiro, equivalia no início a dolorosas amputações. A perda da alma e da língua ao mesmo tempo.”⁷³ A oscilação entre veneração e aversão se faz visível também na colocação das palavras “sonho funesto”. Enquanto “sonho” tem uma conotação positiva, “funesto” indica uma realidade escura e triste. O acréscimo de “colossal” acentua a ideia de magnitude. Notório é, além disso, que, como Aquilina, Justo usa termos abstratos para descrever o continente. Ainda Urcesina, a mãe de Madruga, se empenha em convencê-lo a não seguir o desejo de ir ao Brasil. Segundo ela

a vida no Brasil é como as urtigas, maltrata, arranha e não deixa dormir. Ainda por cima, eles lá não conhecem a primavera, o calor funde a cabeça de todos, derrete-lhes a vontade de trabalhar. É próprio o inferno o ano inteiro.⁷⁴

O uso do termo “urtiga” para descrever a vida no Brasil, tem a função de enfatizar a ideia de dificuldade, dor e maltrato, experimentado pelos que se atrevem cruzar o oceano. Presume-se que para a realidade campestre de Sobreira, a primavera era de suma importância, já que é nesta época que florescem os frutos e manam os pastos alimentando os animais. A ausência da primavera, assim como o sol ardente, são vistos, por isso, como uma grande ameaça. Contudo, a imagem do Brasil permanece vaga, baseando-se na opinião

⁷¹ Piñon, 1987, pág. 30.

⁷² Piñon, 1987, pág. 31.

⁷³ Piñon, 1987, pág. 72.

⁷⁴ Piñon, 1987, pág. 25.

subjetiva de Urcesina, que, intencionando assustar o jovem Madruga, denomina o Brasil o próprio “inferno”.

Tal imagem pessimista do continente, vem acompanhada de um retrato exótico, e, ao mesmo tempo, assustador do povo brasileiro, que vem caracterizado pela mistura de raças e povos. Para Urcesina “a América está cheia de índios e negros. Sem falar nestes portugueses com mania de invadir terras alheias. [...] E lá estão, os índios e os negros querendo comer nossos homens, salga-los a gosto”.⁷⁵ A formação do povo brasileiro por índios, negros e portugueses vem representado por Urcesina como um perigo constante. A descrição dos nativos feita pela personagem aponta a uma imagem exótica dos brasileiros. O “outro” mundo, como um mundo exótico, pode ser considerado, no âmbito da história da civilização europeia, a esfera na margem da região conhecida.⁷⁶ O aceno ao ato canibalesco dos índios e negros remete, por um lado, à imagem do indígena, que chegou à Europa através dos textos da época colonial. Por outro lado, essa observação vem relativizada através do acréscimo supérfluo de “salga-los a gosto”. Presume-se que esta observação faça referência, ao maltrato sofrido pelos imigrantes galegos ao chegarem no país, e não ao ato canibalesco em si. O verbo “comer” se referiria, portanto, a ação de arruinar, destruir.

A imagem exótica dos nativos como uma ameaça permanente, pode ser observada também na crença do jovem Madruga, que, ainda antes de desembarcar no Brasil, pensa que a América é

um continente com o implacável hábito de imolar, já no cais do Rio de Janeiro, a metade dos imigrantes que desembarcavam com suas mochilas nas costas, em oferenda aos seus deuses. Sem falar nos índios que se alimentavam dos brancos, e dos brancos sedentos de carne negra. Um cruel arrastão estendendo os seus apetites aos levantinos e aos judeus conversos.⁷⁷

Madruga, assim como Urcesina, faz referência ao ato canibalesco, supostamente presente na sociedade brasileira no início do século XX. Somente a metade dos imigrantes sobreviveria ao ataque antropófago dos

⁷⁵ Piñon, 1984, pág. 25.

⁷⁶ Cf. Koebner, Thomas/ Pickerrodt, Gerhart: „Der europäische Blick auf die andere Welt“, in: Koebner, Thomas/ Pickerrodt, Gerhart (orgs.): Die andere Welt. Studien zum Exotismus, Frankfurt am Main: Athenäum, 1987, pág. 7.

⁷⁷ Piñon, 1984, pág. 88.

habitantes. O Brasil vem descrito como um lugar marcado por um “cruel arrastão”, onde o apetite da população parece ser insaciável, sendo estendido a todos os povos e raças. Também aqui o ato canibalesco parece ser apresentado de forma ambivalente. Já que a escravidão havia sido abolida apenas há poucos anos, se presume que a afirmação “brancos sedentos de carne negra”, se refira metaforicamente à sede de riqueza, relacionada neste sentido com a apropriação do braço escravo, e não ao canibalismo no sentido original do termo.

No entanto, tanto Urcesina como Madruga, viam na América a única saída prevista para o homem galego.⁷⁸ Madruga afirma, inclusive, que o Brasil é o seu único destino.⁷⁹ A viagem ao Brasil representava para Madruga não só a possibilidade de enriquecer, como também de vivenciar as histórias contadas pelo avô Xan.⁸⁰

No romance, os habitantes de Sobreira constroem um retrato do Brasil mediante os relatos dos que foram e voltaram, o que conduz à formação de mitos e lendas. Enquanto o quadro da América, formado pelos galegos, permanece estático, pode ser observada uma mudança significativa na perspectiva do personagem Madruga. Este deslocamento da visão sucede essencialmente em três etapas. Primeiro observa-se que Madruga leva consigo ao novo continente a imagem unilateral do Brasil divulgada em Sobreira. Inicialmente, o Brasil representa para Madruga, sobretudo, um país de uma natureza inigualável e assombradora, onde reivindicaria o seu direito de fazer fortuna. Essa ideia parece confirmar-se ao desembarcar no cais do Rio de Janeiro, já que a chegada ao país é descrita da seguinte maneira:

Uma acolhida que sabidamente se traduzia pelo pão dormido, o catre rijo numa pensão barata, a comida salgada, tudo a lhe roer o estômago. Uma tal visão pessimista da América, que não o desestimulou porém a lançar sua âncora no litoral brasileiro, de tanto desejar ver de perto uma fauna e flora propícias, nos seus excessos, ao impaludismo e às mordidas de cascavéis.⁸¹

Essa descrição indica as dificuldades encontradas pelos estrangeiros ao chegar ao Brasil no início do século XX, mostra também o grau de determinação do

⁷⁸ Cf. Piñon, 1984, págs. 80,65.

⁷⁹ Cf. Piñon, 1984, págs. 25, 75.

⁸⁰ Cf. Piñon, 1984, pág. 25.

⁸¹ Piñon, 1984, pág. 9.

jovem Madruga, que mesmo diante das ameaças impostas pela pobreza, pelas doenças e animais venenosos, não abandona o sonho de conquistar a América. Também aqui nota-se uma imagem ambivalente do Brasil, que possui uma natureza tão exuberante que chega a favorecer a procedência de enfermidades. Inicia-se uma segunda etapa onde os mitos vão dissolvendo-se em realidade e Madruga vai formando um retrato do país, segundo as próprias experiências e mediante a atenta contemplação da sociedade.

Durante a primeira fase a população carioca vem apresentada pelo personagem como um conjunto de seres raros, habitantes de uma cidade dominada pela luxúria.⁸² O emprego da palavra “raros” na descrição dos nativos na hora da chegada, enfatiza a ideia do “outro”, do desconhecido e exótico. Ao mesmo tempo a palavra tem uma conotação negativa, o que evoca a imagem ameaçadora dos habitantes.

A natureza é descrita de forma ambivalente. Ela incorpora o deslumbramento e o medo dos galegos, chegando a ser apresentada como uma realidade que só poderia ser vista com a força da imaginação.⁸³ Madruga afirma que nem mesmo o sol do mediterrâneo, ou o do mar Egeu estão ao alcance do sol brasileiro, onde “a terra é tão exagerada que ao se plantar, ela floresce três vezes ao ano”.⁸⁴ Essa afirmação exagerada sobre a natureza brasileira, feita quando o jovem se encontrava de passagem em Sobreira, fortalece, no país estrangeiro, o mito americano. A ideia de que a realidade brasileira ultrapassava a imaginação humana é apoiada também por Venâncio, para quem o observado e vivenciado excedia “os limites de suas mãos ou do formato do seu coração”.⁸⁵

O que leva Madruga a instalar-se no Brasil, a despeito de todos os perigos ao seu redor, é o sonho de “vencer a América”. Essa determinação e força de vontade caracterizará o comportamento do personagem durante a segunda fase. Apesar do medo e do cansaço, Madruga dizia sonhar “em proclamar o nome da América e espargir o seu ouro aos quatro ventos como um suave perfume”.⁸⁶ A América vem apresentada como um continente de infinitas possibilidades, para aqueles que ousam enfrentar as suas barreiras. A atitude de Madruga vem

⁸² Cf. Piñon, 1984, pág. 9.

⁸³ Cf. Piñon, 1984, pág. 118.

⁸⁴ Piñon, 1984, pág. 71.

⁸⁵ Piñon, 1984, pág. 425.

⁸⁶ Piñon, 1984, pág. 33.

descrita como a de “um jovem extremamente atrevido [...] que arrastava a América nos ombros como se a América fosse um cintilante peixe voador [...]”.⁸⁷ Ainda a imagem da América como um peixe voador de cor cintilante remete ao carácter exótico e a ideia de riqueza do país.

Essa imagem onírica do Brasil se faz evidente também nas observações feitas por Venâncio, que representa o lado sonhador da conquista da América. Venâncio que, ao contrário de Madruga, despreza o ouro⁸⁸, acreditava que era mais do que o sonho de riqueza, o que havia levado os colonizadores a cruzarem o Atlântico. Teria sido, segundo ele, “um sonho negro”⁸⁹ e o desejo de “sentir aquele continente pulsar em suas mãos”⁹⁰ o que teria impulsionado a partida para o novo mundo. A América vem descrita como um continente com o qual grandes homens sonharam, mesmo muito antes de serem cientes da sua existência.⁹¹

Constata-se um último deslocamento da visão de Madruga em relação ao Brasil, sobretudo, quando se encontra em idade mais avançada, já chefe de família. Durante esta terceira etapa, através das discussões entre Madruga, Tobias e Venâncio, começa a revelar-se a imagem de um país marcado pela corrupção e pelas injustiças sociais. A ideia de que o “Brasil era um peixe de escamas douradas, rastreando no fundo do mar [...] e quem pegasse o peixe teria o Brasil para sempre”⁹², parece debilitada por afirmações como:

Não nos iludamos com a América. Este é um continente canibalesco. Tem o hábito de comer os homens e sepultá-los na memória. Nada sobra da gente. O Brasil mesmo é um país autoritário, sob a aparência amável. Tudo aqui é uma impostura. Mas como eu confio nesta falsa amenidade, aprendi a lidar com ela. Tenho certeza que o Brasil e eu terminaremos por nos entender.⁹³

A perspectiva não é mais a do estrangeiro que constrói o retrato do país baseando-se em mitos e lendas. Madruga vê, então, o país com os olhos de quem conhece as suas dificuldades e aprendeu a enfrenta-las. Mais uma vez, se recorre ao *Leitmotiv* do canibalismo, empregado a fim de descrever a

⁸⁷ Piñon, 1984, pág. 66.

⁸⁸ Cf. Piñon, 1984, pág. 45.

⁸⁹ Piñon, 1984, pág. 45.

⁹⁰ Piñon, 1984, pág. 45.

⁹¹ Cf. Piñon, 1984, pág. 45.

⁹² Piñon, 1984, pág. 36.

⁹³ Piñon, 1984, pág. 158.

implacável realidade brasileira. Um país que sacrifica os nativos e deixa-os cair no esquecimento, não valorizando os seus esforços e lutas. O Brasil revela-se um país cruel, onde a aparência amena embaça a visão. A imagem do perigo na descrição do protagonista vai ganhando novos contornos, mais precisos e concretos. A ideia ingênua do jovem Madrugá, de que no Brasil poderia viver as aventuras do avô Xan, transformam-se na dura realidade de uma vida em um sistema autoritário e impostor.

O protagonista vai criando, pouco a pouco, inúmeras versões do Brasil, sem poder formar-lhe um retrato nítido⁹⁴, julgando impossível “definir com precisão uma terra que se apegava com igual ardor ao ouro, à magia, às lendas, à putrefação, aos morticínios, ao sol, aos rituais marítimos”.⁹⁵ Os contrastes entre aspetos positivos e negativos se tornam mais específicos. A magia se contrapõe não à supostas cascavéis, mas à corrupção e à violência humana. O Brasil, então, se mostra um país de difícil definição. Ainda Venâncio questionaria, onde o Brasil realmente se encontrava.⁹⁶ Certo seria que Venâncio veria sempre o Brasil através de uma “lupa perplexa”⁹⁷, possibilitando-o ampliar detalhes que o brasileiro provavelmente teria desprezado. Essa visão amplificadora da realidade o faria sofrer ainda mais com a miserável condição da população carioca, que padecia baixo a autoridade de “governantes sórdidos e indolentes.”⁹⁸

3.2 O Brasil: seus governantes e injustiças

O retrato dos governantes brasileiros, que se obtém em *A República dos Sonhos*, se caracteriza, sobretudo, pela imagem negativa e crítica em relação aos políticos. Principalmente Tobias, o filho mais novo de Madrugá, se expressa a respeito, criticando veementemente a situação política e social vigente no Brasil na década de 70. Tobias procura arduamente defender os presos políticos, que terminam em celas deploráveis ou mortos, sem que a família possa reclamar o corpo. É principalmente através dos relatos amargos e da visão ressentida de Tobias que se reconstrói, em *A República dos*

⁹⁴ Cf. Piñon, 1984, pág. 52.

⁹⁵ Piñon, 1984, pág. 52.

⁹⁶ Cf. Piñon, 1984, pág. 307.

⁹⁷ Piñon, 1984, pág. 196.

⁹⁸ Piñon, 1984, pág. 48.

Sonhos, a imagem da repressão que fora executada no país depois do golpe militar em 1964. Em uma conversa com Venâncio, Tobias afirma:

As nossas franquias institucionais sempre representaram uma farsa, padrinho. Começando pelo aparato jurídico que é capenga, amolece diante dos regimes fortes. Por isso nos tornamos todos tiranos. Da estirpe de Getúlio, Médici e outros mais. [...] Não temos feito outra coisa que dilapidar um patrimônio que uns chamam de nação, outros de país, outros de pátria. O Brasil vem mentindo para si mesmo a cada hora. E não existe pior elite que a nossa. Ela condena os fracos e os miseráveis ao extermínio ou ao exílio. O exílio do silêncio e da participação social. Da privação dos direitos humanos [...].⁹⁹

Observa-se, mediante este excerto, que o Brasil aos olhos de Tobias se caracteriza pela falsidade e pela mentira. O sistema jurídico, a seu ver débil, vem acusado de ser responsável por permitir o surgimento de tiranos. Estes são considerados, principalmente, aqueles que governaram o país, como Getúlio e Médici, gerando novos tiranos. Embora Tobias empregue o “nós”, quando afirma que o país tem sido dilapidado, é provável que se refira não ao povo brasileiro como um todo, mas sim à classe dominante, elitista. Durante toda a obra, Tobias se mostra precavido contra a própria classe.¹⁰⁰ Quando faz referência à elite brasileira usa o superlativo “pior”, acentuando o carácter negativo desta. A elite vem acusada de exilar e exterminar os miseráveis, privando-lhes de uma participação social ativa no próprio país e de exercer os seus direitos humanos. O Brasil vem apresentado como um país, onde a classe dominante cala a voz do seu povo e rouba-lhe a dignidade. A privação de uma participação social, assim como a obrigatoriedade de um exílio ao silêncio se remete à falta de liberdade de expressão, isto é, à censura e à repressão praticada no Brasil nos anos 70. Essa declaração faz referência também a condição de grande parte da população brasileira, aqui apresentada como “fracos e os miseráveis”, que pouco podem fazer para mudar esta situação. Tobias, diferente de Madrugá, vê o Brasil com os olhos de um brasileiro, de quem é ciente dos seus direitos de protestar. Ele nunca levou no coração nenhum sentimento de gratidão por poder viver no país e nele acumular riquezas. A visão de Tobias nunca chega a sofrer um deslocamento de

⁹⁹ Piñon, 1987, pág. 38.

¹⁰⁰ Cf. Piñon, 1987, pág. 447.

perspectiva. Sua imagem do Brasil é sempre a de um observador interno, ofuscada pelo sentimento.

Embora Madrugá em muito discordasse do seu filho em relação à política do país, concordava, porém, que os “governantes [eram] sórdidos e indolentes. Em geral, oriundos da classe dominante, parasitária e entreguista desde a colonização.”¹⁰¹ A referência à sucessão contínua de uma classe dominante tirana, se faz visível também na declaração do protagonista. A questão da formação do Brasil, assim como a da sua classe governante, é um tópico presente nas discussões entre Madrugá, Tobias e Venâncio.

A América vem descrita como um continente há muito esquarterado pelas invasões estrangeiras, assim como pela criação de capitânicas vitalícias, que permanecem a serviço de reduzidas linhagens familiares.¹⁰² Tem-se a impressão de que o destino do Brasil fora traçado desde o descobrimento, através das decisões equívocas tomadas durante a sua colonização. Para Tobias a história do Brasil se distingue por ser

salpicada de merda, de corrupção, de gente safada, e que sempre existiu, antes mesmo de Getúlio Vargas [...]. Feita por [...] brasileiros, eternos vassallos da Coroa portuguesa, dos ingleses, dos franceses e agora dos americanos.¹⁰³

Nota-se que também Tobias faz referência a sucessão de governantes corruptos. Os brasileiros são acusados de sempre permanecerem subordinados a influências estrangeiras, seja esta portuguesa, inglesa, francesa ou americana. A imagem de um Brasil em pedaços, dilacerado, posteriormente em mãos de poucas famílias e de seus filhos, vem acentuada por Madrugá que afirma que o coração do Brasil seria “um coração que começara a sangrar há mais de 400 anos. E que continuaria a perder sangue e substância por obra dele e de seus descendentes.”¹⁰⁴ Com esta declaração, o personagem principal remete à culpa e a responsabilidade dos brasileiros, seja no passado como no presente, respeito à debilidade e às dificuldades do país.

Enquanto a reflexão em relação ao passado de Madrugá tem um tom crítico, parecendo exercer, no entanto, uma função descritiva, a retrospectiva feita por

¹⁰¹ Piñon, 1987, pág. 48.

¹⁰² Piñon, 1987, pág. 52.

¹⁰³ Piñon, 1987, pág. 315.

¹⁰⁴ Piñon, 1987, pág. 121.

Tobias parece implicar um apelo direcionado à população brasileira: “A verdade é que nós somos filhos de bandidos, assaltantes, de homens feitos a pilhagens. Ou rompemos de vez com esses elos degradantes ou assumimos definitivamente o papel de novo ladrão”.¹⁰⁵ Nota-se que para Tobias é de suma importância romper com os laços da história que mantêm os brasileiros prisioneiros de um passado condenável e assumir uma nova posição na sociedade. Não basta, aos seus olhos, culpar os antecessores pela atual situação do país, é necessário ser força motriz de mudança e diferenciar-se dos “velhos ladrões” para não arriscar tornar-se os “novos”. Pode ser observado que através da reconstrução do passado, procura-se entender o presente. Madrugá parece criticar esse presente passivamente, enquanto Tobias o combate, aos olhos de Madrugá, ingênuamente.

Notório é, no entanto, que através de Tobias e Madrugá, mas também de Venâncio, Nélide Piñon parece transmitir uma versão revisitada da história do Brasil, dando enfoque, sobretudo, na realidade político-social de mais da metade de um século do país. Em *A República dos Sonhos* a história do Brasil é parcialmente reconstruída através dos relatos de observadores da sociedade. Como observa Pardo, a história brasileira vem ficcionalizada no romance.¹⁰⁶ Para Tobias, reescrever a história é de grande importância. Segundo ele “o que nos pesa é ter livros demais, histórias demais e tudo fraudulento. Precisamos urgentemente gerar outras histórias, pondo a parte os discursos oficiais, as análises deformadas e colonizadoras.”¹⁰⁷ Também neste excerto faz-se evidente que para Tobias o rompimento com o passado e o acionamento de novos movimentos é essencial. O personagem se distancia dos discursos oficiais da História, que julga serem distorcidos. Mais relevante que os supostos fatos da História, parece ser a percepção de cada um em relação a ela. Este aspecto torna-se visível na observação de Breta que opina: “Nem sempre a História será benigna [...]. Vai depender de quem um dia a escreva. Tenho fé que no futuro o filho de um analfabeto ainda nos fale a respeito de tudo isto. Só assim saberemos a verdade.”¹⁰⁸ Deste modo, transmite-se a ideia de que a História

¹⁰⁵ Piñon, 1987, pág. 677.

¹⁰⁶ Cf. Pardo, 16-18 de setembro de 2004, pág. 7.

¹⁰⁷ Piñon, 1987, pág. 677.

¹⁰⁸ Piñon, 1987, pág. 47.

oficial não abrange toda a verdade, já que não foi escrita pelo povo, mais sim por um pequeno grupo, o dos dirigentes.

As classes dominantes, em especial a classe política, são descritas por Madrugá como o pior inimigo do povo brasileiro. Segundo ele, estes são os verdadeiros traidores da pátria. O protagonista os acusa de vender a própria pátria em troca de uma conta bancária na Suíça.¹⁰⁹ Ao mesmo tempo, o Brasil vem apresentado como um país que cresce com as suas crises e resiste as intempéries e oscilações políticas.¹¹⁰ Madrugá conta que

desde que chegara a praça Mauá, [...] viu o Brasil atormentado pelo provincialismo, a incompetência e as corrupções de suas classes políticas. O debate girando sempre em torno das dívidas públicas, internas e externas. Enquanto oferecia-se como pano de fundo das palavras incandescentes, um país miserável, cheio de doenças, fodido.¹¹¹

Mais uma vez revela-se o retrato de um país atormentado, abalado e frágil, vítima de uma classe política corrupta. Um Brasil incapaz de desprender-se do seu destino de opressor. A menção do “provincialismo” e das “dívidas internas e externas” remete à situação socioeconômica em que o país se encontrava no início do século XX, onde os que governavam o país eram os fazendeiros e donos de terra. Faz-se também referência à um Brasil como “pano de fundo”, de importância secundária, onde governam a miséria e as doenças. É presumível que este “pano de fundo”, marcado pela penúria, simbolize a realidade da população pobre do país.

A realidade opressiva e desolada do país era visível também a Venâncio, quem parecia padecer mais do que qualquer outro, com uma revolução que nunca trouxe mudanças concretas. Tinha a esperança de que o país, através da revolução, viesse a romper com os modelos políticos vigentes, constituindo uma nova realidade.¹¹² A tão desejada revolução de Venâncio havia trazido, em 1930, Getúlio Vargas ao poder e com ele o sistema autoritário da ditadura, uma verdadeira mudança no âmbito social, porém, não fora perceptível.¹¹³ Exaltado, Venâncio afirma: “Esta revolução de merda não é nossa, tampouco pertence a

¹⁰⁹ Cf. Piñon, 1987, pág. 313.

¹¹⁰ Cf. Piñon, 1987, págs.3 10-312.

¹¹¹ Piñon, 1987, pág. 310.

¹¹² Cf. Piñon, 1987, pág. 145.

¹¹³ Cf. Piñon, 1987, pág. 631.

este povo miserável que vive num casario pobre, nas favelas, e anda de tamanco”.¹¹⁴

A condição de desamparo de grande parte da população brasileira durante o início do século XX, pode ser exemplificada mediante o personagem Odete. Embora pouco fale, a empregada doméstica da família galega, fiel sombra de Eulália, representa a realidade da massa brasileira, predominantemente negra e mulata. Fisicamente, Odete vem descrita como uma mulher afro-brasileira que

usava os cabelos carapinhas, enrolados em trança, em restrita fidelidade aos hábitos em vigor no tempo da escravidão. Como se não levasse em conta o feito abolicionista. Aquelas tranças asfixiavam-lhe os cabelos e os sentimentos.¹¹⁵

A expressão de falta de conhecimento dos seus direitos e de subordinação caracteriza esse personagem. Odete atua como se não tivesse sido libertada da escravidão, como se o seu destino fora para sempre ser vassala. Diante das jóias de Eulália, o narrador descreve o desejo de Odete como uma cobiça de “quem quer e não sabe se tem direitos.”¹¹⁶ A empregada doméstica da família se comporta, em relação a sua condição, de forma passiva. Através de Odete, Eulália faz um retrato dos negros no Brasil. Ela os descreve como “suaves e dramaticamente obedientes”. Madruga é consciente da situação marginalizada dos negros no país e faz referência à condição de Odete, dizendo: “e pensa que Odete não sabe que nesta casa ela é uma espécie de serva, sem destino e sem direito de escolher? É uma desgraça ser negro e pobre neste país!”¹¹⁷ A ocupação de Odete como empregada doméstica é igualada à condição de serva, sendo descrita como o destino da doméstica e não como uma escolha. A situação do negro é classificada por Madruga como desgraçada, acentuando a ideia de que os afro-brasileiros faziam parte de um grupo desprivilegiado. Segundo ele, “feria-lhes a escravidão tão profundamente a alma que por décadas ainda, deveriam sujeitar-se passivamente aos impulsos racistas e dominadores do branco.”¹¹⁸ Madruga faz referência, assim, não só à condição material do negro no país. Ele também busca justificar e entender o seu comportamento remetendo a história do povo africano no Brasil. Tem-se a

¹¹⁴ Piñon, 1987, pág. 153.

¹¹⁵ Piñon, 1987, pág. 57.

¹¹⁶ Piñon, 1987, pág. 62.

¹¹⁷ Piñon, 1987, pág. 128.

¹¹⁸ Piñon, 1987, pág. 59.

impressão de que o destino do negro já fora traçado desde o seu nascimento, sendo este igual para todos: a calamidade e a subordinação.

O Brasil de Odete vem à tona quando Breta decide visita-la. Esse “outro Brasil” vem narrado por Breta da seguinte maneira: “E pareceu-me de repente descobrir bem o outro lado, caudaloso e incompreensível, o Brasil de Odete. Com uma cara miserável, desconsolada e obediente.”¹¹⁹ O Brasil vem personificado, recebendo uma “cara” marcada pela miséria e obediência. Este era o Brasil do outro lado da cidade, concentrado nas favelas e nos morros, longe do Leblon, onde reside a família galega. A história pessoal de Odete é infeliz. Abandonada pelos pais, cresce órfã e sofre com a discriminação racial no orfanato, onde a diretora se surpreende que uma crioulinha responda pelo nome da mãe de Maria, decidindo mudar-lhe o nome de Ana para Odete.¹²⁰ No entanto, embora se trate somente da vida da negra Odete, esse quadro insinua uma situação generalizada do negro no país no início do século XX. Essa extensão da condição de Odete à todo um grupo social se torna visível no pensamento de Breta: “Abracei-a como se abraçasse os miseráveis brasileiros que transitam por mim, sem que eu lhes dê atenção.”¹²¹ Notório é também que Breta use a palavra “brasileiros”, para referir-se à um grupo distante da sua realidade, como se fosse questionável a legitimidade da sua própria condição de brasileira. A ideia de que Odete simbolize o Brasil se torna mais visível quando Breta se questiona se “apenas Odete, a brasileira fodida e desesperada, poderia de fato indicar-nos os difíceis caminhos de nossa origem, tornando-se a única a reestabelecer os nexos de uma sociedade e de uma língua sob a ameaça de esgarçar-se [...]”.¹²² Ainda através de Breta observamos que a sociedade brasileira vem descrita como se estivesse descarrilhada, sob a constante ameaça de ser dilacerada.

Na visão de Tobias, seriam os pobres, os únicos livres de culpa em todo o Brasil: “Tenho a ilusão de que eles são os únicos inocentes desta martilha criminosa que assassina o país a cada dia. Nestas horas me pergunto se não sou tão criminoso quanto os traidores de Brasília.”¹²³ Tobias parece ser o personagem que mais se preocupa em assumir a sua culpa em relação à história

¹¹⁹ Piñon, 1987, pág. 136.

¹²⁰ Cf. Piñon, 1987, pág. 138.

¹²¹ Piñon, 1987, pág. 139.

¹²² Piñon, 1987, pág. 138.

¹²³ Piñon, 1987, pág. 649.

e a realidade do Brasil. Para ele todos os que vivem no Brasil, nativos ou imigrantes, devem assumir as suas responsabilidades para com a nação.¹²⁴ A questão da culpa e da responsabilidade de cada cidadão seria tratada também por outros personagens. Madruga acusa os filhos de hipócritas, por só pleitear mudanças que lhes trouxessem vantagens, acusando-os de serem “igualmente colonizadores e exploradores”.¹²⁵ Para Madruga o único que não explora é o que nada possui.¹²⁶ Presume-se que também para o personagem principal a classe dominante seria responsável pela miséria da maioria da população.

Miguel, entretanto, se perguntaria: “Haverá algum inocente neste país? Acaso posso isentar de culpa o operário prisioneiro da linha de montagem dos carros da Volkswagen?”.¹²⁷ Miguel se libera, portanto, da ideia de que a desolada situação do país se deve à sua predestinação, que teria levado desde a colonização à sucessão de governantes corruptos. Essa observação estende a questão da responsabilidade ao povo brasileiro como um conjunto. Também Zico parece questionar se o pobre não é igualmente responsável pela situação do país: “A verdade é que nada sei dos fatos históricos. Só posso falar dos brasileiros safados, traidores da pátria. [...] Mas, em compensação, que faço eu? Não farei coisas piores? Será que a pobreza [...] serve de desculpa?”¹²⁸ Presume-se que para Zico cada brasileiro tem a sua parcela de culpa na situação de miséria na qual se encontra o Brasil. Através de Zico é transmitida uma imagem dos brasileiros, que são qualificados por ele como “traidores da pátria”. Esta, porém, seria apenas uma das diversas versões do povo brasileiro transmitidas em *A República dos Sonhos*.

3.3 Um povo “taciturno e carnavalesco”

Em *A República dos Sonhos*, Nélida Piñon não só esboça o quadro sócio-histórico de mais da metade do século XX no Brasil, reconstruindo, sobretudo, imagens da ditadura e da repressão, mas também delinea um retrato do povo brasileiro, fazendo referência também à sua formação.

¹²⁴ Cf. Piñon, 1987, pág. 561.

¹²⁵ Piñon, 1987, pág. 128.

¹²⁶ Cf. Piñon, 1987, pág. 128.

¹²⁷ Piñon, 1987, pág. 487.

¹²⁸ Piñon, 1987, pág. 500.

A imagem dos nativos, no romance, se caracteriza, principalmente, pela sua passividade diante da própria situação na sociedade, que se apresenta como precária. Em uma conversa com companheiros comerciais, um dos visitantes de Madrugá afirma: “Temos a passividade dos nativos a nosso favor. E seu irremediável complexo de inferioridade diante do branco e do estrangeiro”.¹²⁹ Nota-se que a imagem do nativo é generalizada. Os brasileiros são descritos como um grupo não-branco que alimentam um sentimento de inferioridade, qualificado pelo visitante como “irremediável”, realçando a ideia de paralisação, imutabilidade.

Em outro contexto, também Madrugá toma posição em relação ao tema. O protagonista descreve o povo brasileiro como “taciturno e carnavalesco”.¹³⁰ Sobretudo o atributo “taciturno” frisa a ideia de passividade, já mencionada. Enquanto a observação feita pelo visitante pode ser classificada de carácter primeiramente descritivo, a de Madrugá implica uma crítica, já que o vocábulo “carnavalesco” evoca a ideia do grotesco e do ridículo. A crítica torna-se evidente, sobretudo, considerando que são “os privilégios de certas classes”¹³¹ que põem em evidência o estado de subordinação do povo brasileiro. A contradição semântica dos dois atributos, “taciturno e carnavalesco”, no entanto, parece enfatizar a ideia do absurdo. A imagem de um povo prostrado a uma realidade carnavalizada, vem reproduzida também por Venâncio, que

constantemente acusava os habitantes do Rio de Janeiro, sob eminente inspiração de Cervantes, de arrastarem pelas ruas das Marrecas, do Ouvidor, da Assembléia, pela Lapa, o fatal sentimento de estarem a serviço de uma realidade exacerbadamente carnavalizada. Único modo que eles encontraram de esquecer um cotidiano mesquinho e sem dimensões.¹³²

A conduta submissa do povo carioca diante desta realidade ilusória é apresentada como uma forma de refúgio, de proteção do árduo cotidiano, qualificado por Venâncio, como “sem dimensões”, acréscimo que sublinha o aspecto da falta de perspectiva dos nativos diante a sua condição de miséria. No entanto, a alusão intertextual ao romance *Dom Quixote*, de Cervantes, transpassa ao mesmo tempo um ar de ironia à situação dos habitantes do Rio de

¹²⁹ Piñon, 1987, pág. 416.

¹³⁰ Cf. Piñon, 1987, pág. 310.

¹³¹ Piñon, 1987, pág. 310.

¹³² Piñon, 1987, pág. 700.

Janeiro, incapazes de perceber a própria realidade. Este sentimento é qualificado pelo observador galego como “fatal”. Presume-se que a citada fatalidade refira-se à conduta indolente do povo brasileiro. Ainda Venâncio observa que “D. Pedro II lhes fez o ingrato favor de consagrar a sisudez, a reserva, a moderação, como virtudes. Assim como a prudência, que aqui resvala para a inércia e a mediocridade”.¹³³ Nota-se que atributos, que poderiam ser qualificados como virtudes, revelam-se qualidades ingratas, que terminam provocando a apatia da população.

A passividade do povo brasileiro é considerada uma fatalidade, um obstáculo, sobretudo, porque impede que este tome o destino em suas mãos e mude a sua história. A imagem de um povo inconsciente dos seus direitos e do seu poder faz-se evidente também nas afirmações de Madruga, que opina que “aqui ninguém percebe efetivamente o que deixou de ganhar, a pesar dos seus direitos.”¹³⁴ Ainda Venâncio, observaria: “Nunca vi um país tão grande ter um sonho tão pequeno.”¹³⁵ A dimensão do sonho, qualificado como pequeno, aponta ao grau de prostração e conformismo do povo brasileiro, contrapondo-se, outrossim, à imagem de um país de tamanha grandeza.

Ainda Breta opinaria que o povo brasileiro, na sua situação de miséria, não teria forças para organizar uma resistência. Ele estaria unicamente dependente das camadas privilegiadas da sociedade, as mesmas responsáveis pela sua penúria.¹³⁶ O retrato que se obtém dos nativos é o de um povo elevadamente ingênuo, carente de proteção. Notório, entretanto, é que Madruga se inclui a este grupo, aludindo à condição de estrangeiro na sociedade:

Eles não percebem o próprio estado. Além do mais, também eu integro a este grupo. Desde que cheguei ao Brasil tenho sido diariamente abatido com uma espingarda de cano curto. Felizmente com bala de chumbo. Todos nós nesta sala somos uns derrotados, até prova contrária. Para todos os efeitos, não contamos para um Brasil que manda e condena. Por isso é que os censos são mentirosos e desalmados. Eles nos fazem crer que somos muitos, e que portanto constituímos uma força de trabalho preponderante para as decisões a serem tomadas. Mas desde quando uma só autoridade brasileira, um fiscal, um policial, um mestre-escola, que diabo seja, pediu a nossa opinião sobre qualquer matéria.¹³⁷

¹³³ Piñon, 1987, pág. 430.

¹³⁴ Piñon, 1987, pág. 310.

¹³⁵ Piñon, 1987, pág. 632.

¹³⁶ Piñon, 1987, pág. 275.

¹³⁷ Piñon, 1987, pág. 156.

Nota-se que também Madruga, apesar da sua estável condição financeira, se sente em uma posição socialmente desprivilegiada. A ideia da luta constante vem transmitida mediante a imagem da morte diária, rápida e impiedosa. Madruga denomina-se “derrotado”, determinando a sua condição no país. Ele se coloca na mesma posição que Venâncio, ainda que a situação econômica de ambos não se assemelhassem absolutamente. Embora a credibilidade do sentimento de fracasso de Madruga seja relativizada através da reação céptica de Venâncio a esta¹³⁸, o discurso do protagonista, porém, reflete a imagem da condição do estrangeiro no Brasil no início do século XX. Madruga protesta contra a falta de reconhecimento do governo brasileiro em relação aos estrangeiros e reivindica o direito de viver em paz.¹³⁹ Venâncio compara a sua situação no país inclusive com a de um escravo.¹⁴⁰ A alusão a uma condição de vida do imigrante semelhante a escravidão é feita também por Madruga que afirma: “A América tem sido dura para mim. Há quantos anos trabalho como um escravo. Como se precisasse comprar a minha carta de alforria.”¹⁴¹ O protagonista declara que conquistar o Brasil, isto é, adquirir uma cidadania completa, é o seu único sonho.¹⁴² Embora sinta-se estrangeiro, Madruga afirma que o Brasil não é menos seu, pois já que não nasceu nele, havia decidido morrer ali,¹⁴³ reclamando o seu direito de posse do Brasil. Deste modo, é tematizada em *A República dos Sonhos* a questão da composição do povo brasileiro. O imigrante é apresentado como parte constituinte deste povo e elemento integrante da sua formação, que, no entanto, tem que lutar pelo reconhecimento dos nativos. Ainda Venâncio opina que: “o Brasil era de todos nós. Desgarrados e melancólicos. Seríamos em conjunto, as falências, e as aspirações desta nação.”¹⁴⁴ Remetendo também a formação do povo brasileiro, Madruga observa que “desde Cabral, o Brasil foi feito por nós, e nossos filhos legítimos ou bastardos. Também eu procriarei naquela terra. Tenho pressa em constituir uma família brasileira.”¹⁴⁵ Observa-se que adquirir uma posição concreta no país parece ser possível somente através da constituição de uma

¹³⁸ Cf. Piñon, 1987, pág. 156.

¹³⁹ Cf. Piñon, 1987, pág. 155.

¹⁴⁰ Cf. Piñon, 1987, pág. 421.

¹⁴¹ Piñon, 1987, pág. 487.

¹⁴² Cf. Piñon, 1987, pág. 159.

¹⁴³ Cf. Piñon, 1987, pág. 160.

¹⁴⁴ Piñon, 1987, pág. 422.

¹⁴⁵ Piñon, 1987, pág. 72.

família, mediante descendentes. Embora Madruga afirme que o Brasil corre pelas suas veias¹⁴⁶, o país permanecerá parcialmente inalcançável para o protagonista. Ele, assim como Venâncio, assumirá a condição de “desterrado”. Madruga afirma que seu destino é “ir ao encontro de uma terra arrastando a memória da outra.”¹⁴⁷ O personagem parece aceitar a sua condição de exilado com certa naturalidade, como seu destino. Opina que nascido no Brasil, não teria sabido apreciá-lo.¹⁴⁸ Rosa observa que Madruga começa a viver de forma controversa. Antes, na Galícia, sonhava com a América, residindo agora no Brasil, sente-se próximo da Galícia.¹⁴⁹ Mediante a “cavaca” que conserva escondida na casa do avô Xan¹⁵⁰, Madruga mantém presente a ligação com a Galícia. A cavaca que o protagonista descreve como o símbolo da sua vida¹⁵¹ remete à decisão tomada há anos de partir para a América, ainda a custo de sofrer com as intempéries e as aflições no Brasil.

O sentimento de orfandade parece ser mais visível no personagem Venâncio, que questiona: “de que vale a riqueza de duas pátrias, se as duas me querem dividir, ambas me fazem sentir que não pertença a lugar nenhum.”¹⁵² Venâncio começa a sentir dissipar-se a própria identidade. O Brasil vem tomando-o pouco a pouco, sem, porém, apropriar-se dele por completo. Venâncio tem finalmente a sensação de converter-se em “um personagem sem história e sem livro.”¹⁵³ Enquanto Madruga e Venâncio parecem sempre estar buscando a sua auto-afirmação no solo brasileiro, observa-se que Odete pouco aparenta preocupar-se em definir a sua identidade ou formar um retrato do seu país. Ao perguntar-lhe Eulália se ela se preocuparia com o Brasil, Odete responde: “Acho que sim. Só que eu não sei como o Brasil é. É sempre difícil entender o país da gente. A senhora não acha?”¹⁵⁴. Tem-se a impressão de que, são, sobretudo, os que buscam se auto-definir no país, os que melhor podem descrevê-lo. Para Miguel é a língua portuguesa a que arrasta os sentimentos

¹⁴⁶ Cf. Piñon, 1987, pág. 99.

¹⁴⁷ Piñon, 1987, pág. 29.

¹⁴⁸ Cf. Piñon, 1987, pág. 29.

¹⁴⁹ Cf. Rosa, Lucia Regina Lucas da: “O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em ‘A República dos Sonhos’, de Nélide Piñon”, in: *Identidade*, vol. Jan-Jun. 2010, pág. 18.

¹⁵⁰ Piñon, 1987, pág. 346.

¹⁵¹ Cf. Piñon, 1987, pág. 346.

¹⁵² Piñon, 1987, pág. 198.

¹⁵³ Piñon, 1987, pág. 417.

¹⁵⁴ Piñon, 1987, pág. 432.

brasileiros, fazendo-o definir-se como tal. É o português que o possibilita posicionar-se dentro do Brasil e afirmar a sua identidade.

O povo brasileiro, no entanto, não constituíra-se somente de estrangeiros, mas de vários povos. Breta observa que “se aos portugueses devíamos o idioma robusto, [...] aos africanos devíamos a doçura que se empregnara pelas camadas da língua a ponto de ensinar-nos entonações verbais oriundas diretamente da alma.”¹⁵⁵ Deste modo, a neta de Madrugá designada a escrever a sua história realça a importância da chegada dos portugueses e dos africanos para a construção do idioma brasileiro, apontando para a contribuição feita por cada um destes povos. Como observa Betancur, a mestiçagem do latino americano, apresentada por Nélida Piñon, não é somente racial, mas também cultural.¹⁵⁶ A miscigenação no Brasil é considerada de tal profundidade, que Madrugá chega a questionar: “quem é que não passou ao mesmo tempo pela casa-grande e pela senzala!”¹⁵⁷

Questiona-se, entretanto, se essa mistura de povos e raças seria capaz de formar uma nação. Dom Miguel, referindo-se à singular composição do povo brasileiro, indaga:

como aquele país, de contingente humano tão variado, comportava-se. Quando circulava por ele sangue de índios, ibéricos, mouros, negros, ingleses piratas e franceses exploradores. Lograria este país constituir-se em nação, a despeito deste fermento humano, cujas origens e paixões perdiam-se na noite do tempo?¹⁵⁸

Faz-se, mediante o observador galego, uma enumeração de alguns dos povos que contribuíram na formação o povo brasileiro. O acréscimo de “piratas” e “exploradores” na denominação dos ingleses e franceses que povoaram o Brasil no decorrer dos séculos, atribui a estes uma conotação negativa, transmitindo a ideia de que o povo brasileiro seria formado de descendentes de estrangeiros, cujas ocupações e intenções no Brasil seriam condenáveis. O variado “fermento humano”, essa mistura de etnias que iam se perdendo gradualmente, é denunciado como uma ameaça para a constituição de uma

¹⁵⁵ Piñon, 1987, pág. 59.

¹⁵⁶ Cf. Betancur, 2010, pág. 142.

¹⁵⁷ Piñon, 1987, pág. 477.

¹⁵⁸ Piñon, 1987, pág. 304.

nação. Observa-se também, que, para Dom Miguel, a formação de uma população não conduz automaticamente à construção de uma nação.

Segundo Madrugá, o que leva a construção real de uma nação é o trabalho, o esforço, junto com o sonho e a ilusão de todos os que para isso labutam.¹⁵⁹ Para o nascimento de uma nação faz-se necessária a ativa participação da população, independente da raça, envolvendo não somente uma atuação física, mas também a sua capacidade de sonhar. Pode ser observado que Madrugá iguala a importância do elemento material à do imaginário.

3.4 Afinal, onde está o Brasil?

Mediante os relatos dos diferentes personagens, sobretudo de Madrugá e Venâncio, o retrato do Brasil vai ganhando corpo, sem, no entanto, concretizar-se de maneira definitiva. Tem-se pouco a pouco a impressão de que o Brasil está destinado a permanecer intangível e indefinível. Madrugá, que insistentemente busca compreender este país, pergunta a Zico:

[...] onde está o Brasil. Onde está, que se socorre sempre de outros países com pretexto de negar a própria identidade o tempo todo. Surpreso Madrugá com a circunstância do Brasil eleger continuamente a Europa como seu respiradouro, ao preço da asfixia da sua própria imaginação. [...] Acaso o Brasil rechaçava o futuro, enfraquecia os seus alicerces, deteriorava as paredes do chamado presente, firmemente determinado a esmagar o esforço popular?¹⁶⁰

O Brasil vem apresentado como um país cuja identidade é frágil. Um país que tomando outros países como modelo, prejudica a si mesmo. O emprego das palavras “respiradouro” e “asfixia” exemplifica o comportamento contraditório dos brasileiros. No entanto, a crítica de Madrugá parece referir-se, sobretudo, à classe governante do país que se faz dependente da opinião e do apoio dos países europeus e norteamericanos, em lugar de fortalecer a própria nação, buscando soluções que correspondam à realidade do país. Para descrever o Brasil Madrugá usa a imagem da “casa” como metáfora, alertando ao estado de decadência em que esta se encontra. A sua observação, entretanto, não tem o tom de manifesto ou apelo, muito mais torna-se visível a sua indignação e

¹⁵⁹ Cf. Piñon, 1987, pág. 48.

¹⁶⁰ Piñon, 1987, pág. 499.

incompreensão em relação ao estado do Brasil que vem acusado de “rechaçar” o próprio futuro.

Para descrever o desamparo e a condição de imutabilidade na qual se encontra o país, Madrugá recorre a imagem de um trem em atraso: “[...] o trem não vinha. Acaso significava quanto o Brasil tardava em chegar ao seu destino? Impossibilitado de cumprir a visão do paraíso que lhe fora prestada?”¹⁶¹ A ideia de que o Brasil não tenha conseguido manter, isto é, tornar real a imagem de progresso e riqueza que lhe tinha sido imposta por outros povos no início do século XX, se faz visível também nas declarações de Dom Miguel, que pergunta:

Onde está a América, passados estes quatro séculos? Afinal, quem são vocês? Será que não lhes chegou a hora de admitir que acumularam fracasso atrás de fracasso? E dizer que no passado vocês foram uma esperança para o mundo! Agora, encontram-se tão perdidos quanto nós, galegos. Pobre América! Não há quem não a explore. Desde os europeus até os próprios americanos. Os nativos que vendem a alma a qualquer preço. Todos empenhados em consolidar uma cultura empedernida, uma imaginação convencional e ainda rígidas fórmulas políticas. E nem parecem se importar com este universo esclerosado. Agem como velhos, incapazes de criar novas fórmulas de viver.¹⁶²

Em este excerto torna-se mais clara a contradição entre o potencial de um continente que chegou a ser a esperança para o mundo, e a atual realidade brasileira: um país subalterno e pobre, no sentido tanto material, intelectual como cultural. Enquanto a observação de Madrugá acentua a responsabilidade do Brasil em construir a própria identidade, libertando-se da condição de sujeição em relação a outros países, a de Dom Miguel transmite a imagem de um país vítima de exploração por parte de americanos e europeus. A exploração, no entanto, parece ser realizada com o consentimento dos brasileiros. Os nativos são descritos como indivíduos que pouco parecem perceber ou incomodar-se com a situação de apatia e miséria na qual se encontram. Observa-se que existe uma dicotomia entre os dois polos, América e Europa: a América representa “o novo”, enquanto a Europa simboliza o “velho”. O Brasil vem descrito como um país que, apesar de “novo”, apegar-se ao “velho”, assumindo um comportamento passivo diante do próprio desenvolvimento e futuro.

¹⁶¹ Piñon, 1987, pág. 488.

¹⁶² Piñon, 1987, pág. 518.

Indaga-se também, quem no Brasil teria conhecimento suficiente para descrever o país. Madruga pergunta se “saberia o homem negro melhor do Brasil do que ele? E o índio que aqui esteve desde o início, era dono do risco de um inexplicável bordado?”¹⁶³ Deste modo, o protagonista opõe os nativos, descendentes já de longa data de cidadãos brasileiros, à imigrantes. Embora a pergunta permaneça sem aparente resposta, percebe-se que o país é qualificado como um “inexplicável bordado”. A palavra bordado indica a junção de vários pedaços na construção de um todo, que permanece, no entanto, inexplicável. Quinlan observa que em *A República dos Sonhos* “o Brasil enquanto espaço e lugar precisa ser constantemente redefinido em termos de seus habitantes.”¹⁶⁴ Esta persistente tentativa de redefinir o país se faz visível, também, em uma referência feita por Venâncio. Atento observador da sociedade brasileira, ele questiona, se seria possível juntar todas as imagens feitas do Brasil, formando um só retrato que abrangesse as diferentes visões:

Onde afinal se encontra o Brasil? Haverá um só artista capaz de reconciliar numa síntese perfeita as visões e as imagens que fazemos do Brasil? Ou o destino de um país contraria qualquer unidade, inclina-se pela fragmentação? De forma a que cada habitante apresente a sua versão pessoal do Brasil.¹⁶⁵

Como Madruga, ainda Venâncio faz referência à eventual impossibilidade de definição do Brasil. O país estaria destinado à fragmentação. Notório é que Venâncio não utiliza a palavra “brasileiro” e sim “habitante”, estendendo a autoridade de definição do país a todos os que conhecem a realidade do Brasil, sejam estes nativos ou imigrantes, observadores ou participantes da história do país.

Pode ser observado que no romance *A República dos Sonhos*, Nélide Piñon projeta, através dos diferentes personagens, diversas versões do Brasil que vão se contrapondo e se complementando, sem, no entanto, perder a sua flexibilidade, permanecendo sempre fragmentado. Enquanto os habitantes de Sobreira constroem uma imagem do Brasil mediante lendas e mitos que se formaram ao redor deste, o retrato do Brasil traçado por Venâncio, Madruga,

¹⁶³ Piñon, 1987, pág. 499.

¹⁶⁴ Quinlan, Susan C.: “A história revistada: A república dos sonhos de Nélide Piñon”, in: *Revista ibero-americana*, vol. LXXVI, núm. 230, Enero-Marzo 2010, pág. 140.

¹⁶⁵ Piñon, 1987, pág. 307.

Tobias e Breta se funda nas experiências vividas, ou na meticulosa observação da sociedade brasileira, isto é, na relação individual que mantêm com o país. Por conseguinte, constata-se que, no romance, não é apresentado um retrato do Brasil e sim vários.

4 Conclusão

Nélida Piñon constrói em *A República dos Sonhos*, através do relato dos diferentes personagens, vários retratos do Brasil. Estes retratos, porém, não são uniformes e iguais para todos. O objetivo principal do presente trabalho foi apresentar essas diferentes facetas do Brasil, assim como do seu povo.

A fim de compreender a imagem que os personagens no romance formam do país, foram apresentados, primeiramente, os principais rasgos do contexto sócio-histórico no qual se desenvolve a trama. A saga da família galega abrange mais de meio século de história brasileira, desde a chegada do protagonista Madruga ao Brasil, em 1913, até a morte de Eulália, sua esposa, aproximadamente nos anos 80. A história de Madruga é também a história de mais de três milhões de estrangeiros que deixaram os seus países no século XIX e XX, na esperança de encontrarem melhores condições de vida na América. A chegada dos imigrantes foi inicialmente estimulada e mais tarde racionalizada pelo governo brasileiro que necessitava encontrar uma substituição para o braço escravo após a abolição. Além de povoar os territórios de baixa densidade populacional, esperava-se com a entrada de mais estrangeiros europeus, “branquear” a população brasileira. Os estrangeiros, que chegavam ao Brasil, se caracterizavam, sobretudo, por terem um objetivo em comum: “vencer a América”, o que se traduzia no sonho de acumular riquezas. O fluxo imigratório, assim como o progresso na monocultura latifundiária, agora baseada no trabalho livre, conduziram a um surto industrial, transformando definitivamente a fisionomia das cidades. Iniciou-se uma fase de grandes mudanças políticas e sociais no Brasil. Muitos dos escravos libertos partiram para as cidades em busca de trabalho. Estes, no entanto, encontraram grandes dificuldades, não só em encontrar emprego, como também em afirmar-se na nova sociedade de classes. Por muitos anos ainda, continuaram a exercer as profissões mais simples, já que a perspectiva de uma ascensão social era quase nula. Os negros sofreriam também, ainda por várias décadas, com os preconceitos da classe branca, levando-os a acreditar na sua condição de inferioridade em relação ao branco.

Enquanto as mulheres negras trabalhavam, sobretudo, como empregadas domésticas, os homens afro-brasileiros encontravam emprego nas fábricas que

começavam a proliferar em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. A condição do trabalhador, tanto rural quanto urbano, era precária. No campo ainda governava a lei e as ordens do coronel, dos proprietários de terra. Acidentes de trabalhos eram comuns e os contratos eram fechados verbalmente. Diante destas condições de trabalho, assim como da contínua ameaça da seca, muitos habitantes das regiões rurais se deslocam para as cidades e começam a trabalhar como operários. A vida na cidade, no entanto, não era muito mais fácil. Grande parte dos trabalhadores sofria com verdadeiras misérias. Os operários viviam, na sua maioria, em cortiços. A população pobre da cidade se refugiava nos altos morros, sem terem acesso a um saneamento básico.

Além de serem mal remunerados, homens, mulheres e crianças tinham que trabalhar por longas horas em fábricas com escassa ventilação. Diante desta situação, começaram a surgir sindicatos e o número de greves crescia. Em meio a toda insatisfação social, Getúlio Vargas assumiu a presidência, instalando a ditadura militar em 1930. Getúlio procurou amenizar essa situação, inserindo leis trabalhistas que garantissem uma série de direitos às classes trabalhadoras urbanas. O governo Vargas, porém, se distinguiu também por ser um regime de grande censura e repressão. Após a morte de Getúlio, sucedeu um período de grandes lutas populares que terminaram silenciadas pelo golpe militar de 1964. A partir deste momento, se instalou uma nova ditadura no Brasil que se caracterizou, principalmente, pela repressão, tortura e cassação de suspeitos políticos.

Todos estes acontecimentos influenciariam os personagens em *A república dos Sonhos* na hora de formarem a sua própria versão do país. Observa-se que, inicialmente, a imagem do Brasil formada pelo imigrante Madruga, ainda conserva todas as versões contraditórias que lhe haviam sido transmitidas ao abandonar a Galícia, partindo para a América. O continente americano para os habitantes de Sobreira se caracteriza, sobretudo, pelos seus contrastes. A visão dos galegos em relação ao Brasil oscila entre o deslumbramento e o horror. A América vem descrita como um continente, onde o ouro emana e a natureza foge aos limites da imaginação. Ao mesmo tempo, ela é apresentada como uma terra perigosa que maltrata os imigrantes. Especialmente os nativos, miscigenados e raros, despertam o pavor no povo galego. Através dos galegos

faz-se um retrato de um Brasil-mito que se transformará em um Brasil-realidade com a chegada de Madrugá ao cais do Rio de Janeiro. A visão do protagonista do Brasil sofre então um deslocamento. Madrugá vai formando, mediante as suas experiências e observações, diversas versões do país. Notório é, no entanto, que a imagem do país do Madrugá maduro muito se distingue da versão onírica do jovem recém chegado ao Brasil. O protagonista começa a ver o país com os olhos de quem o conhece e aprendeu a lidar com ele.

Através dos relatos, sobretudo, de Madrugá, Venâncio e Tobias, vai construindo-se as imagens da ditadura de 1930 e 1964, assim como das suas respectivas censuras e repressões. Forma-se também a imagem da classe governante brasileira que se contrapõe à do povo. O retrato que vai formando-se da classe dirigente e política do Brasil se caracteriza pela corrupção e pelo descaso. O retrato do Brasil é o de um país desamparado e débil. O sistema jurídico vem acusado de ser frágil e possibilitar a sucessão de tiranos. A questão da formação e da hereditariedade da classe dirigente do país vem tocada por Madrugá. O Brasil vem mostrado como um país esquartejado, a mercê das invasões estrangeiras e de seus descendentes desde sua descoberta. Nélida Piñon parece, portanto, transmitir uma versão revisitada da história do Brasil, que é recontada, principalmente, por estes três personagens. A classe dirigente é acusada de ser responsável pela miséria na qual se encontra grande parte da população. O “outro Brasil”, pode ser exemplificado no personagem de Odete que parece comportar-se como se não tivesse consciência do feito abolicionista. O Brasil de Odete se encontra no outro lado da cidade, na miséria, longe do Leblon, onde reside a família imigrante.

Parece ser este Brasil, pobre e miserável, que Tobias busca salvar. Para ele os pobres seriam os únicos livres de culpa no território brasileiro. Também a questão da culpa e da responsabilidade é tematizada neste romance. Observa-se que enquanto Tobias e Madrugá parecem isentar de culpa o pobre, Miguel e Zico parecem estender a responsabilidade da situação do país ao povo brasileiro como um todo.

O povo brasileiro, em *A República dos Sonhos*, se caracteriza, principalmente, pela sua passividade diante da situação de miséria e subordinação em que se encontram. Venâncio o acusa inclusive de viver em uma realidade carnalizada, incapaz de discernir entre o real e a ilusão. O povo brasileiro é

apresentado como um povo miscigenado, formado por diferentes povos. Entre estes também o estrangeiro europeu, que mesmo tendo que se auto-afirmar no país, contribui para a formação do povo brasileiro. Questionou-se, contudo, se essa mistura de povos seria capaz de formar uma nação. Tornou-se claro que a formação de uma população não conduz automaticamente ao nascimento de uma nação. Essa se constrói mediante o esforço físico e o sonho dos que para isso trabalham.

Finalmente buscou-se esclarecer, onde está realmente o Brasil, qual seria a sua imagem definitiva, e quem teria, unificando todas as suas versões, autoridade e conhecimento suficiente para dar-lhe um só retrato. Observa-se, neste sentido, que em *A República dos Sonhos* o retrato do país permanece fragmentado, incompleto e flexível. As imagens projetadas pelos personagens abrangem um Brasil-mito e um Brasil-real, deixando, porém, em aberto espaço para que os seus habitantes desconstruam estas imagens e formem outro retrato, orientando-se no seu relacionamento pessoal e individual com o país.

5 Bibliografia

Literatura primaria

Piñon, Nélda: *A República dos Sonhos*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1984.

Literatura secundaria

Aquino, Rubim Santos Leão de; Vieira, Fernando; Agostino, Gilberto; Roedel, Hiran (orgs.): *Sociedade Brasileira: uma história através dos movimentos sociais. Da crise do escravismo ao apogeu do Neoliberalismo*, Rio de Janeiro: Record, 6ª ed., 2009.

Basbaum, Leoncio: *História sincera da república. De 1889 à 1930*, São Paulo: Edições LB, 2ª ed., 1962.

Bergmann, Michael: *Nasce um povo. Estudo antropológico da população brasileira: como surgiu, composição racial, evolução futura*, Petrópolis: Vozes, 1977.

Betancur, Juan David Gonzáles: „La República de los sueños o la conformación de una nación de exiliados”, in: *Memorias y sociedad* 14, nº 28 (2010), págs. 137-156.

Bresselaar, J. J. van: *Brasilien. Anspruch und Wirklichkeit*, Wiesbaden: Brockhaus, 2ª ed., 1973.

Bruno, Ernani Silva: *História do Brasil. Geral e regional*, vol. 7, *Brasil*, São Paulo: Cultrix, 1967.

Cardoso, Fernando Henrique: „Situação e comportamento social do proletariado”, in: Fernandes, Florestán (org.): *Comunidade e sociedade no Brasil. Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972, págs. 467- 486.

Carvalho, Rodrigo Janoni: „Trabalho e vida do operariado nos séculos XIX e XX”, in: *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, nr. 2, Mar. 2010, págs. 200-208.

Costa, João Cruz: *Pequena história da República*, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974.

Cotanda, Fernando Coutinho: “A sociedade no século XX”, in: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 1, nº 2, Dez. 2009, págs. 1-2.

Donato, Hernâni: *Brasil. 5 séculos*, São Paulo: Academia Lusíadas de Ciências, Letras e Artes, 2000.

Duca, Maria Auxiliadora Guzzo: *A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934*, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

Evaristo Arns, Paulo: *Brasil: nunca mais. Um relato para a história*, Petrópolis: vozes, 20ª ed., 1987.

Fausto, Boris: *História do Brasil*, São Paulo: Edusp, 1997.

Fernandes, Florestan: *A Integração do Negro à Sociedade de Classes*, São Paulo: Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1964.

Fernandes, Florestan: *Mudanças sociais no Brasil. Aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira*, São Paulo: Europeia, 1960.

Ferreira, Olavo Leonel: *História do Brasil*, São Paulo: Ática, 11ª ed., 1986.

Gomes, Ângela M. de Castro: “Classe média e política no Brasil (1930-1964)” in: Fausto, Boris (org.), *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III. *O Brasil Republicano*, vol. 3, *Sociedade e Política (1930-1964)*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 6ª ed., 1996, págs. 447-506.

Ianni, Octávio: *Raças e classes sociais no Brasil*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2ª ed., 1972.

Ibiapina, Júlio de Mattos: *O Brasil de ontem e hoje*, Fortaleza: EUFC, 1981.

Iglésias, Francisco: *História geral e do Brasil*, São Paulo: Ática, 1989.

Jacobi, Pedro: “Política social. Os velhos problemas, mas sem o déficit”, in Koutzii, Flavio (org.): *Nova República: um balanço*, Porto Alegre: L&PM, 1986, pág. 255-269.

Koebner, Thomas & Pickerrodt, Gerhart: „Der europäische Blick auf die andere Welt“, in: Koebner, Thomas & Pickerrodt, Gerhart (orgs.): *Die andere Welt. Studien zum Exotismus*, Frankfurt am Main: Athenäum, 1987, págs. 7-10.

Levine, Robert M.: *O Regime de Vargas, 1934-1938: Os anos críticos*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Marconi, Raphael: *A paisagem carioca na primeira república. O lugar da natureza e a imagem da cidade*. Ag. 2003. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Oliveira, Lúcia Lippi: *Nós e eles. Relações entre brasileiros e imigrantes*, Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Pardo, M. Carmen Villarino: “Produtos literários como estratégias para a construção de umha idéia de identidade brasileira. 1984, ano de expectativa(s)”, in: *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, CES: Coimbra, 16-18 de setembro de 2004, pág. 1-14.

Pardo, M. Carmen Villarino: „Comunidades emigrantes no Brasil: imprensa, publicações literárias e língua(s) que veiculam. O caso dos galegos”, in: *Homenaxe a Fernando R. Tato Plaza*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2002, págs. 383-395.

Poerner, Arthur José: *O poder jovem, História da participação política dos estudantes brasileiros*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

Prado Junior, Caio: *A revolução brasileira*, São Paulo: Editora Brasiliense, 5ª ed., 1977.

Quinlan, Susan C.: “A história revistada: A república dos sonhos de Nélide Piñon”, in: *Revista ibero-americana*, vol. LXXVI, núm. 230, Enero-Marzo 2010, págs. 133-151.

Rosa, Lucia Regina Lucas da: “O mundo agônico de Madrugá: análise da personagem central em ‘A República dos Sonhos’, de Nélide Piñon”, in: *Identidade*, vol. Jan-Jun. 2010, págs. 17-27.

Santos, Theobaldo Miranda: *Organização social e política do Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 7ª ed., 1967.

Sevcenko, Nicolau: *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*, São Paulo: Editora Schwarcz, Companhia das Letras, 2ª ed., 2003.

Sinder, Valter: “A Reinvenção do Passado e a Articulação de Sentidos: o Novo Romance Histórico Brasileiro”, in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, nº 26, 2000, p. 253-264.

Skidmore, Thomas E.: *Uma história do Brasil*, São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Hiermit versichere ich, dass ich diese Bachelorarbeit selbstständig verfasst und keine anderen als die angegebenen Quellen und Hilfsmittel benutzt habe. Die Stellen meiner Arbeit, die dem Wortlaut oder dem Sinn nach anderen Werken und Quellen, einschließlich der Quellen aus dem Internet, entnommen sind, habe ich in jedem Fall unter Angabe der Quelle als Entlehnung kenntlich gemacht. Dasselbe gilt sinngemäß für Tabellen, Karten und Abbildungen. Diese Arbeit habe ich in gleicher oder ähnlicher Form oder auszugsweise nicht im Rahmen einer anderen Prüfung eingereicht.

Ich versichere zudem, dass die elektronische Fassung den beiden gebundenen Fassungen entspricht.

Köln, den 13.8.2012